

ARS

LEVIATHAN, A MAGISTRAL OBRA DE ARTE DA MODERNIDADE



Quelle: Bredenkamp, H. 1999: Thomas Hobbes. Visuelle Strategien.

Por Dawisson Lopes

"NATURE (the art whereby God hath made and governs the world) is by the art of man, as in many other things, so in this also imitated, that it can make an artificial animal. For seeing life is but a motion of limbs, the beginning whereof is in some principal part within, why may we not say that all automata (engines that move themselves by springs and wheels as doth a watch) have an artificial life? For what is the heart, but a spring; and the nerves, but so many strings; and the joints, but so many wheels, giving motion to the whole body, such as was intended by the Artificer? Art goes yet further, imitating that rational and most excellent work of Nature, man. For by art is created that great LEVIATHAN which is but an artificial man, though of greater stature and strength than the natural, for whose protection and defence it was intended; and in which the sovereignty is an artificial soul, as giving life and motion to the whole body."

Thomas Hobbes in: *Leviathan* (1651)

Thomas Hobbes é o nome do grande artista da Modernidade. *Artista?* É inegável que, ao primeiro pronunciamento, a afirmação choca. Diante de uma posição "herética" como a que se esposa nestas linhas, dirá o mais atônito: - "ora, até onde freqüentei os bancos de universidade, sei que Hobbes foi um filósofo - um pensador -, e não um artista!" O mais cínico, então, comentará: - "a arte da capa de *Leviathan* nem é lá tão *bela* para merecer do crítico de arte tamanha honraria!" O mais irônico, por sua vez, disparará: - "não sabia que o conselheiro Hobbes pintava as suas telas nas horas vagas"... A despeito de tamanho ceticismo, vale reiterar: Thomas Hobbes, por intermédio de sua obra-prima "*Leviathan*" (1651), fez-se o mais influente e impactante artista da Modernidade. Basta olharmos ao redor para entender como a sua arte, o seu artifício, o seu artefato, o seu homem artificial - o Estado moderno - modela e modula a vida de nós outros, míseros espectadores.

Nascido próximo a Malmesbury, Inglaterra, o jovem Thomas Hobbes, em função da morte precoce de seu pai, viveria sob a tutela de seu abastado tio. Ingressou no Magdalen College, Oxford, onde permaneceria por cinco longos anos. Em 1608, adquire a condição de preceptor do filho de William Cavendish. Por esta via, conseguira Hobbes o tempo necessário para devotar-se aos clássicos da literatura. Desencantado com as acrobacias intelectuais de um Aristóteles, Hobbes logo tomaria o historiador Tucídides como o seu modelo de intelectual. Conheceu Francis Bacon, em sua primeira excursão Europa continental adentro. Nos anos 1630, um passo definitivo: Hobbes se converteria ao cientificismo, seduzido pela Geometria Euclidiana. Também foi particularmente influenciado, o nosso artista, pelo italiano Galileo Galilei - segundo quem todos os corpos terrenos estão e permanecerão em movimento constante até que se lhes exerça força suficiente para a frenagem. O conceito de dinâmica de Galileo, o de corpos em incessante movimentação, leva Hobbes a postular que todo homem é *movido* (eis, portanto, a idéia galiléica de *movimento*, de *moção*) por *sensações, desejos, apetites, paixões*. Justamente os elementos que, em um estado racionalizado de equilíbrio, deverão ser controlados, contidos, estabilizados.

Leviathan (1651) foi claramente a obra-prima de Hobbes. O homem não é bom por natureza, Hobbes alega, e sim um hedonista egocêntrico - "*of the voluntary acts of every man, the object is some good to himself*". Como os motivos do homem eram, no seu estado natural, guiados por um auto-interesse pouco esclarecido, eles poderiam, se não contrabalançados, trazer conseqüências altamente deletérias. Deixados ao léu, humanos, propelidos por uma dinâmica inerente, chocar-se-iam uns com os outros. Hobbes vislumbrou que tal sociedade hipotética corresponderia ao "estado de natureza" - estágio anterior ao estabelecimento do *Estado civil*, constitucional, com o imperativo da lei. Suas conclusões desalentavam: a vida humana seria "solitária, pobre, nojenta, brutalhada e curta", uma "guerra de todos contra todos". Para manter a paz social e a confiança entre os homens, então um artifício - um *Leviathan* - seria forjado pelo contrato social entre os homens. Este Leviatã é o Estado - seja sob a forma do monarca absolutista, seja sob a forma do parlamento democrático, pouco importa. Importa que ao Estado seja concedido o monopólio sobre o recurso legítimo à força e a autoridade absoluta sobre os súditos/cidadãos. Em troca, este Estado exercitaria os seus músculos em prol da manutenção da paz (punindo condutas "desviantes"). A rigor, todo poder passava a depender inteiramente do desejo do corpo de cidadãos. Por isso, o Estado teria um incentivo natural para não abusar da força. Não há garantias de que ele, vez ou outra, não incorra em más condutas. Mas, quando o Leviatã recorre à força, fique bem claro, ele tem de arcar com as conseqüências. Um Leviatã não pode ser leviano.

A engenhoca cerebral de Hobbes é poderosa. Como laico, e bom geômetra, o pensador projetou, baseado em conhecimentos matemáticos, dois pontos equidistantes - quais sejam, o "estado de natureza" e o "estado da política" (Leviatã) - para simbolizar os dois estágios extremos da vida em sociedade: um primeiro, marcado por desordem, incerteza, medo, instabilidade, cruzeza, brutalidade, guerra de todos contra todos; um segundo, em que a desordem, as incertezas e as instabilidades do primeiro momento poderiam ser bastante mitigadas, senão superadas. Essa etapa seria possível mediante a racionalização progressiva dos instintos humanos, condição alcançável por intermédio do recrutamento de um "soberano", a partir de uma comunidade de iguais, para *impor a ordem social*.

Neste momento da narrativa, dois pontos saltam aos nossos olhos: em primeiro lugar, é interessante notar como Hobbes, ao professar uma visão radicalmente igualitarista do ser humano, refunda as convicções clássicas sobre o *status* dos indivíduos ao nascimento. Em segundo lugar, é notável que, desse igualitarismo (portanto, horizontalidade entre os homens), tenham derivado formas bastante mais verticalizadas da gestão do "público". O Leviatã é, por si, a encarnação mais representativa desse novo estado de coisas. Permitam-me: de um novo, absolutamente novo, estado das artes.

Sociologicamente, antropológicamente, cronologicamente, é *Leviathan* uma obra coerente? Dificilmente, é o que nos afiançam os entendidos do assunto. Logicamente, contudo, *Leviathan* seduz. É um teorema antro-po-lógico do Estado; é, antes, um libelo do antropocentrismo; para mais, é o emblema do Renascimento Europeu; é a fundação política da Modernidade. O seu legado em nosso ideário ocidental - e universal - é indiscutível. O artesanato de Hobbes - o Estado moderno - fincou raízes por demais profundas em nossas vidas cotidianas. Mas uma última contestação remanesce: a Política, desde quando é ela uma arte? Retruco: e desde quando *não* é ela uma arte? Uma invenção humana? Uma projeção de valores? Um artefato, um artifício, uma artimanha? A Política - *arteira que só ela* - é, e não poderá deixar de ser, arte. "A arte do possível" para os pessimistas. "A arte do impossível" para os otimistas. A arte de um Thomas Hobbes.